

## AS MODIFICAÇÕES DO LIVRO “A REVOLUÇÃO DOS BICHOS” EM SUAS TRADUÇÕES

**Renato Lima Silva Feitosa<sup>1</sup>**  
**Olívia Rocha Freitas<sup>2</sup>**

**SUMÁRIO:** . Introdução; 1. A linguagem e as traduções; 2 Um estudo sobre a tradução do livro “A Revolução dos Bichos”; Conclusão; Bibliografia.

**RESUMO:** O presente estudo trata-se de uma análise a respeito das alterações semânticas decorrentes das traduções do livro “A Revolução dos Bichos” do inglês para o português. Sendo objetos de estudo o processo decisório estabelecido no trabalho dos tradutores e a forma de linguagem expressa em ambos os textos, avaliados à luz dos conhecimentos gerados por Arthur Schopenhauer acerca de tal tema.

**Palavras chave:** Linguagem, Tradução, Modificação semântica, Processo decisório

### INTODUÇÃO

O livro a Revolução dos Bichos trata de uma crítica ao regime stalinista que vigorava na União Soviética no período de sua publicação. Em virtude de tal história ter sido escrita durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, George Orwell recebeu severas críticas de editores que tinham estima pelo Exército Vermelho ao considerarem um aliado contra o Eixo, nome dado a aliança entre Alemanha, Itália e Japão.

Orwell, que por muito tempo tinha acreditado no socialismo democrático, aprendeu por experiência própria os riscos de acreditar em utopias aparentemente bem intencionadas quando lutou na Guerra Civil Espanhola, e teve contato direto com os sanguinários oficiais do Partido Comunista, que detiveram controle de parte da Espanha em 1937. A experiência fez o autor escrever mais tarde: “Tivemos muita sorte ao conseguirmos sair da Espanha vivos” e além disso: “Ao voltar da Espanha, pensei em denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas”

Destarte, em 1943, George Orwell começou a escrever seu primeiro trabalho que ganhou notoriedade: “A Revolução dos Bichos”, que retratava , por meio de uma metáfora, a evolução do governo soviético ao longo dos anos, demonstrando que seus líderes tinham

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de graduação em Administração Pública do Instituto Brasiliense de Direito Público

<sup>1</sup> Professora Doutora de Leitura e Produção de Texto do Instituto Brasiliense de Direito Público.

utilizado ideais de igualdade para tornarem-se tão opressores quanto o governo czarista anterior. Nas palavras do autor: “O coletivismo não é inerentemente democrático, pelo contrário, ele garante a minorias tirânicas tais poderes com os quais a Inquisição Espanhola jamais sonhou em obter”.

A história se inicia em uma pacata fazenda, no momento em que um porco chamado Major reúne todos os animais para fazer um discurso inflamado contra o injusto e irresponsável fazendeiro Jones que os escravizavam (alusão ao governo do Czar Nicholas II). Após seu pronunciamento, no qual incitou os animais a iniciarem uma rebelião, Major então os ensina uma música chamada “Bichos da Inglaterra” que descreve um futuro utópico em que os animais seriam donos da terra e os seres humanos seriam destronados. Tal momento é uma óbvia sátira a Karl Marx e sua obra “O Manifesto Comunista”.

Mais tarde na história, o Sr. Jones eventualmente embebeda-se e esquece-se de fornecer alimento aos animais, que logo se revoltam e dão início a sua revolução, conseguindo expulsar o fazendeiro de sua própria terra e assim tomando os meios de produção para si, desse modo instituindo o Animalismo (metáfora ao regime comunista) que resumidamente consistia no seguinte enunciado: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”.

Durante o novo governo, dois líderes se destacam, Napoleão e Bola-de-Neve (personificações de Stalin e Trotsky, respectivamente), que se antagonizam em todos os momentos até que Napoleão consegue banir seu oponente por meio da força, utilizando uma matilha de cães que conseguira treinar desde pequenos. Tal parte do livro é importante por evidenciar como a doutrinação ideológica imposta aos jovens na URSS foi importante para que Stalin pudesse se manter no poder por tantas décadas.

A partir de então, Napoleão com a ajuda de um porco chamado Garganta inicia um processo de reescrita da história, chegando a convencer parte dos animais que Bola-de-Neve era na verdade um traidor que tinha auxiliado Jones a assumir controle da propriedade. Aqueles que não se convenceram de tal narrativa não se pronunciaram por certamente não terem coragem de desafiar Napoleão e sua matilha.

Com o desenrolar da história, o governo dos porcos passa a desobedecer todas as regras que eles tinham formulado originalmente, chegando até mesmo a, no final da história, andarem em duas patas, o que é aceito apenas em virtude de uma massiva doutrinação realizada pela retórica de Garganta. Apenas quando é tarde demais os animais da fazenda percebem que não há mais nenhuma diferença entre o governo de Jones e o de Napoleão, assim como aconteceu em todas as outras ditaduras comunistas que vigoraram no século XX.

## 2 A LINGUAGEM E AS TRADUÇÕES

A linguagem, segundo Arthur Schopenhauer, é um instrumento da razão humana e um meio transmissor de conhecimento que teria sido criado instintivamente, tendo início com simples interjeições e em seguida se aprimorando através da criação de substantivos, verbos e outras classes gramaticais ao longo dos séculos.

Em virtude de diferentes povos terem experiências diversas – que geram culturas particulares – embora tenham o mesmo processo instintivo de formação comunicativa, acabam por criar instrumentos linguísticos únicos. Por isso nota-se um empecilho ao tentar traduzir um texto de um idioma para outro.

Segundo Jiří Levý, a principal dificuldade no trabalho de um tradutor consiste na resolução de processos decisórios. Isso ocorre em virtude de uma palavra em uma determinada língua possuir vários equivalentes possíveis em outras línguas. Assim o grau de dificuldade de traduzir um texto é menor quando a quantidade de termos que sejam possivelmente correspondentes ao original é limitada. Entretanto, percebe-se que tais equivalentes, embora semelhantes, geralmente não representam com exatidão o sentido originalmente desejado pelo autor de uma obra. Assim, para Levý, cabe ao tradutor definir um conjunto de alternativas possíveis e selecionar aquelas que mais se aproximam do significado abstraído pelo tradutor, levando em consideração o grau de importância de vários elementos em uma obra literária. Destarte, percebe-se um problema, pois já que o tradutor definirá o que é mais importante ser preservado em detrimento de outros elementos do texto, o entendimento do leitor ficará limitado ao entendimento do tradutor.

Schopenhauer em seu livro “A Arte de Escrever” defende que toda tradução é necessariamente imperfeita em virtude de haver elementos em cada linguagem que não poderiam ser transmitidos por uma simples substituição de termos aparentemente semelhantes, assim gerando uma mudança de significação a cada vez que um texto é traduzido.

Não se encontra para cada palavra de uma língua, um equivalente exato em todas as outras línguas. Portanto, nem todos os conceitos designados pelas palavras de uma língua são exatamente os mesmos que as palavras das outras expressam, por mais que essa identidade se verifique na maior parte dos casos, às vezes de modo notavelmente preciso [...] Mas com frequência se trata apenas de conceitos semelhantes e aparentados, que podem ser diferenciados por alguma modificação de sentido

(SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Escrever**, L&PM)

Há também os casos em que uma língua pode não possuir um termo que exprima um significado geralmente existente nas demais (como ocorre no francês, por exemplo, pela ausência do verbo “estar”). Ou também casos em que uma língua possui um termo com significado único, dificilmente presente em outra (como ocorre no português, não havendo substantivo equivalente a “saúde” na maioria das outras línguas).

Ademais, existem outros elementos na linguagem que podem ser prejudicados além da semântica, como por exemplo a sutileza de uma expressão corroborada pela fonética. Por isso, para Schopenhauer, não há possibilidade de traduzir poemas, apenas recriá-los poeticamente, em virtude de nesse tipo de texto a forma estar intimamente ligada ao sentido.

### **3 UM BREVE ESTUDO SOBRE A TRADUÇÃO DO LIVRO “A REVOLUÇÃO DOS BICHOS”**

Para dar continuidade aos estudos a respeito de traduções iniciados no capítulo anterior é importante que seja feita a análise de um caso concreto, assim devendo ser avaliadas diferentes edições que contenham traduções distintas de uma determinada obra para que seja possível afirmar se de fato textos traduzidos conterão inevitavelmente modificações de sentido em relação ao original.

A obra escolhida para tal estudo trata-se de “A Revolução dos Bichos” de George Orwell, em virtude de conter uma linguagem bastante simples e também por possuir um poema (presente na forma de hino, intitulado *Beasts of England*), assim podem-se tirar conclusões acerca das afirmações de Schopenhauer, que entendia ser impossível traduzir tal gênero literário, mas apenas recriá-lo de forma poética. Portanto, antes de serem analisadas as mudanças de significado que ocorrem no enredo da história, propõe-se analisar tal recriação poética, primeiramente observando-se o texto original:

Beasts of England, beasts of Ireland  
Beasts of every land and clime  
Hearken to my joyful tidings  
Of the golden future time

Soon or late the day is coming  
Tyrant Man shall be o'erthrown  
And the fruitful fields of England  
Shall be trod by beasts alone

Rings shall vanish from our noses  
And the harness from our back  
Bit and spur shall rust forever  
Cruel whips no more shall crack

Riches more than mind can picture  
Wheat and barley, oats and hay  
Clover, beans, and mangel-wurzels  
Shall be ours upon that day

Bright will shine the fields of England  
Purer shall its waters be  
Sweeter yet shall blow its breezes  
On the day that sets us free

For that day we all must labour  
Though we die before it break  
Cows and horses, geese and turkeys  
All must toil for freedom's sake

Beasts of England, beasts of Ireland  
Beasts of every land and clime  
Hearken well and spread my tidings  
Of the golden future time

Em seguida observa-se o texto traduzido para o português, por Heitor Aquino Ferreira, presente na quadragésima sexta reimpressão do livro, publicada pela editora Companhia das Letras:

Bichos da Inglaterra e da Irlanda,  
Daqui, dali, de acolá,  
Escutai a alvissareira,  
Novidade que virá.

Mais hoje, mais amanhã,  
O Tirano vem ao chão,  
E os campos da Inglaterra;  
Só os bichos pisarão.

Não mais argolas nas ventas,  
Dorsos livres dos arreios,  
Freio e espora enferrujando  
E relho em cantos alheios.

Riqueza incomensurável,  
Terra boa, muito grão,

Trigo, cevada e aveia,  
Pastagem, feno e feijão.

Lindos campos da Inglaterra,  
Ribeiros com águas puras,  
Brisas leves circulando,  
Liberdade nas alturas.

Lutemos por esse dia;  
Mesmo que nos custe a vida.  
Gansos, vacas e cavalos,  
Todos unidos na lida.

Bichos da Inglaterra e da Irlanda,  
Daqui, dali, de acolá,  
Levai esta minha mensagem;  
E o futuro sorrirá.

Após uma análise de ambos os textos, pode-se perceber que em seu processo decisório o tradutor priorizou a forma estrutural ao invés do sentido. Isso pode ser notado pelo fato de as rimas terem se mantido na ordem ABCB ao longo das sete estrofes do hino. Embora a métrica silábica não possua semelhança em ambos os textos, isso decorre do fato de a língua inglesa ter uma estrutura silábica diferente, assim tal resultado já era esperado. Portanto pode-se concluir que o trabalho do tradutor Heitor Ferreira, ao manter a forma, embora tenha algumas limitações, manteve o formato necessário para o entendimento do leitor.

Por outro lado, como prejuízo de ter havido foco predominante na forma, houve perda na semântica textual. Ao longo de todo o poema em português, a significação foi um tanto vaga em comparação com o texto original, como por exemplo, quando o hino descreve que haverá o fim dos objetos de tortura usados para domesticar os animais, o texto original expressa diretamente que “Cruel whips no more shall crack”, enquanto o tradutor tenta expressar tal ideia fazendo uso de uma metáfora, obtendo o seguinte resultado: “E o relho em cantos alheios”.

Também observa-se que o poema em inglês possui o último verso da primeira estrofe igual ao último verso da sétima estrofe. Ao fazer isso Orwell criou simetria no poema, mas tal efeito não pôde ser repetido em sua versão em português, gerando diferença entre “Novidade que virá” e “E o futuro sorrirá”. Além disso, nesse último verso (em português), nota-se uma relação de condicionalidade com o verso anterior: “Levai esta minha mensagem; e o futuro sorrirá”. A partir desse trecho, permite-se concluir que era imprescindível que os ideais do animalismo fossem difundidos para que a revolução acontecesse. Mas tal ideia não corrobora

com o sentido original do texto, em que é afirmado que uma revolução animalista seria inevitável.

Ademais, algumas espécies animais e botânicas que foram contempladas no texto de Orwell, foram suprimidas na tradução de Ferreira, como por exemplo, os perus e as beterrabas. Também foi perdida a noção de que as terras inglesas se tornariam mais belas ou férteis em virtude da instalação do animalismo, em razão de a tradução permitir apenas notar que o território inglês já possui tais qualidades.

Percebe-se assim que Schopenhauer estava correto em suas considerações, pois nota-se que, ou a estrutura poética ou o sentido textual serão invariavelmente alterados, já que se torna complexo manter ambos fielmente.

Além das notáveis diferenças entre as criações poéticas, também deve observar-se as diferenças entre os nomes próprios atribuídos a personagens e lugares ao longo da história. Um exemplo disso é o nome atribuído à fazenda no período em que essa pertencia a Jones: Manor Farm. Inicialmente ao analisar-se o termo “Manor” e levando em consideração que seu significado faz referência a uma grande ou imponente casa localizada em uma propriedade rural, percebe-se que essa expressão possui pouca relação com sua versão traduzida: Granja do Solar. Isso se deve ao fato de que o termo “Manor”, utilizado por George Orwell, faz uma clara alusão à extensão territorial da Rússia czarista e à suntuosidade do estilo de vida de seus governantes, enquanto o termo “Solar” não possui relação alguma com tal fato. Além disso, segundo o Dicionário Aurélio, o termo “Granja” significa “Pequena propriedade rural”, assim a metáfora feita por Orwell ao longo do livro torna-se menos perceptível em sua versão traduzida.

## CONCLUSÃO

Diante do estudo feito, torna-se notório que o melhor meio de compreender o sentido completo de uma obra se dá pela leitura do texto original. Pois mesmo que o autor intencionalmente faça uso de uma linguagem simples para facilitar o trabalho de traduzir seu texto (como foi feito por Orwell) o significado de determinados elementos serão inevitavelmente perdidos ou alterados em virtude da ação do tradutor. Além disso, pode ocorrer ainda o acréscimo de outros significados a uma obra que não foram originalmente idealizados pelo autor.

Tais alterações ocorrem em maior escala se o texto a ser traduzido for uma construção

poética, pois nesse gênero literário a forma e o sentido estão intimamente ligados, assim não sendo possível preservar ambos ao traduzi-los para outros idiomas, pois cada dialeto possui uma construção única ao longo da história.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ORWELL, George. **Animal Farm: a Fairy Story**. London: Signet Classics, 1996.
- ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos: um conto de fadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2009
- LEVÝ, Jiří. **A Tradução como um Processo de Tomada de Decisão**. Florianópolis: UFSC, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.